

# A Árvore

por H. P. Lovecraft (trad. de KA-AK-KIM)

Escrito em 1920

Publicado em outubro de 1921 em *The Tryout*, Vol. 7, nº 7, pp. 3-10.

Em uma ladeira verdejante do monte Mênalo<sup>1</sup>, na Arcádia<sup>2</sup>, ergue-se um pequeno bosque de oliveiras nas imediações das ruínas de uma casa de campo. Perto, há um túmulo, outrora belo, com as esculturas mais sublimes, mas agora tão abandonado quanto a casa. Em uma das extremidades daquele túmulo, suas curiosas raízes deslocando-se entre os blocos de mármore pan-helênico<sup>3</sup> manchados pelo tempo, cresce uma excepcionalmente grande oliveira de forma estranhamente repugnante; tão semelhante a um homem grotesco, ou a um corpo humano deformado pela morte, que o povo do interior tem medo de passar próximo a ela à noite quando a lua brilha debilmente através dos galhos tortos. O monte Mênalo é um dos abrigos preferidos do temível Pã, cujas estranhas companhias são muitas, e os caipiras humildes acreditam que a árvore deve ter algum medonho parentesco com estes misteriosos fúnos<sup>4</sup>; mas um velho apicultor que mora na cabana vizinha me contou uma história diferente.

Muitos anos atrás, quando a casa da encosta era nova e resplandecente, lá dentro moravam os dois escultores Kalos<sup>5</sup> e Musides<sup>6</sup>. De Lídia a Neápole, a beleza de seu trabalho era apreciada, e ninguém ousava dizer que um excedia o outro em talento. O Hermés de Kalos se erguia em um relicário de mármore em Corinto, e a Pallas de Musides sobrepujou um pilar em Atenas próximo ao Parthenon. Todos os homens rendiam homenagens a Kalos e Musides, e se maravilhavam por nenhuma sombra de inveja artística ter esfriado o calor de sua amizade fraternal.

Mas embora Kalos e Musides vivessem em indissolúvel harmonia, suas naturezas não eram semelhantes. Enquanto Musides festejava noite adentro em meio à algazarra<sup>7</sup> de Tegea<sup>8</sup>, Saio<sup>9</sup> permanecia em casa; longe da vista de seus escravos nos recessos serenos do bosque de oliveiras. Lá ele meditava sobre as visões que enchiam sua mente, e lá arquitetava as formas estéticas que mais tarde se tornariam imortais no mármore exultante. O povo ocioso, de fato, dizia que Kalos conversava com os espíritos do

---

<sup>1</sup> O monte Mênalo, na Arcádia, é consagrado ao deus Pã. (V. nota seguinte.) [N.T.]

<sup>2</sup> A Arcádia, na região central do Peloponeso, Grécia, é escolhida na poesia como cenário bucólico, graças à mitologia grega, segundo a qual, o local era residência de Pã, deus da natureza e padroeiro dos pastores. [N.T.]

<sup>3</sup> A expressão faz referência ao sistema pan-helenista, que visava à união de todos os gregos dos Bálcãs, das ilhas do Egeu e da Ásia Menor num só Estado, movimento que ocorreu por volta dos séculos III e IV a.C.

<sup>4</sup> No original, “Panisci” (pl. it. de *Pan*). [N.T.]

<sup>5</sup> Do grego *Kalós*: “bom”; em outra aceção: “belo”. [N.T.]

<sup>6</sup> Do grego *Musides*: “filho das Musas”. (V. nota publicada no sítio The Temple of Dagon: H. P. Lovecraft and the Cthulhu Mythos. Seção Community, Mythos Forum. EEUU, 28 jun 2005. Disponível em: <<http://www.templeofdagon.com/forum/viewtopic.php?t=518&highlight=>>. Acesso em: 23 jan 2006.) [N.T.]

<sup>7</sup> No original, “gaieties” (pl. de *gaiety*): algazarra, jovialidade, alegria; tem a mesma raiz da nossa “gaiatice” (do occitânico *gai*: alegre, jovial). [N.T.]

<sup>8</sup> Área onde havia um templo dedicado à deusa Atena. A municipalidade de Tegea, famosa pela seu mercado de gado, pertence à província de Mantínia, que se mantém sob jurisdição da prefeitura de Arcádia, na região do Peloponeso. [N.T.]

<sup>9</sup> Embora haja versões deste mesmo trecho que citam “Kalos”, ao invés de “Saio”, a tradução optou por manter o nome presente no original consultado, transcrito por Agha Yasir <<http://www.ech-pi-el.com>>. [N.T.]

bosque, e que as estátuas dele eram apenas imagens dos faunos e dríades que ele encontrava ali, pois ele não concebia suas obras a partir de nenhum modelo vivo.

Tão famosos eram Kalos e Musides, que ninguém se espantou quando o Tirano de Siracusa enviou-lhes representantes para falar da cara estátua de Tyche<sup>10</sup> que ele havia planejado para a sua cidade. De grande colossal e hábil trabalho artesanal, a estátua deveria ser, já que estava destinada a se tornar um prodígio da nação e um destino turístico para viajantes. Seria exaltado além da imaginação aquele cuja obra conquistasse boa aceitação, e para esta honraria foram convidados a competir Kalos e Musides. O amor fraterno dos dois era bem conhecido, e o Tirano ardiloso propôs que cada um, ao invés de esconder a obra do outro, deveria oferecer ajuda e conselho; esta caridade produziria duas imagens de inaudita beleza, dentre as quais, a mais aclamada eclipsaria até mesmo os sonhos dos poetas.

Com alegria os escultores aceitaram a oferta do Tirano, de modo que, nos dias que se seguiram, os escravos de ambos ouviram o sopro incessante dos cinzéis. Nem Kalos nem Musides escondiam a obra um do outro, mas reservavam a visão geral apenas para si. Com exceção deles próprios, nenhum olho contemplava as duas figuras divinas, libertas pelo sopro talentoso nos blocos ásperos, que os tinham encarcerado desde que o mundo surgira.

À noite, como de antanho, Musides buscava os salões de banquetes de Tegea enquanto Kalos vagava sozinho no Bosque de oliveiras. Mas conforme o tempo passava, os homens observaram uma carência de alegria no outrora faiscante Musides. Era estranho, eles se admiravam de como a depressão podia arrebatrar uma pessoa assim com tanta chance de ganhar a maior recompensa oferecida pelo mundo da arte. Muitos meses se passaram e ainda na face azeda de Musides não havia vestígio de que a situação pudesse melhorar.

Então um dia Musides falou da enfermidade de Kalos, depois do que ninguém mais se espantou com sua tristeza novamente, uma vez que o vínculo dos dois escultores era conhecido por ser profundo e sagrado. Subseqüentemente muitos foram visitar Kalos, e realmente notaram a palidez de seu rosto; mas havia em torno dele uma serenidade feliz que fazia seu olhar mais mágico que o olhar de Musides, o qual parecia claramente distraído, sob apreensão, e que, em sua avidez, deixara de lado todos os escravos para alimentar e cuidar ele próprio do amigo. Escondido atrás de pesadas cortinas estavam as duas figuras inacabadas de Tyche, pouco tocadas nos últimos tempos pelo pobre homem doente e seu fiel assistente.

Como Kalos ficasse inexplicavelmente mais e mais fraco, a despeito do que lhe ministravam os médicos aturdidos e seu assíduo amigo, ele desejou ser de vez em quando levado ao bosque que ele tanto amava. Lá ele pedia para que fosse deixado só, como se desejasse falar com coisas invisíveis. Musides sempre atendia aos pedidos dele, conquanto seus olhos se enchessem de lágrimas à hipótese de que Kalos pudesse querer mais aos faunos e às dríades que a ele. O fim, afinal, se aproximava, e Kalos discursou a respeito das coisas que há além desta vida. Musides, soluçante, prometeu-lhe um sepulcro mais amável que a tumba de Mausolo<sup>11</sup>; mas Kalos lhe pediu que não falasse mais das glórias do mármore. A mente do pobre moribundo estava obcecada por um único desejo; que a lenha de determinadas oliveiras no bosque fosse enterrada junto à sua sepultura - próxima à sua cabeça. E uma noite, sentado sozinho na escuridão do bosque de oliveiras, Kalos morreu. Indescritivelmente belo era o mármore de seu

---

<sup>10</sup> Do grego *Tyché*: “sorte”, “o acaso”, “o inesperado”. [N.T.]

<sup>11</sup> A *tumba de Mausolo*, donde vem “mausoléu”, foi erguida sob mando de Artemisa, viúva de Mausolo, rei da Cária (século IV a.C.), em Halicarnasso, na Ásia Menor. O monumento era tido como uma sete maravilhas do mundo e se tornou sinônimo de um sepulcro suntuoso. [N.T.]

sepulcro que o dedicado Musides entalhou para o amado amigo. Ninguém além do próprio Kalos poderia ter modelado tais baixos-relevos em que foram exibidos todos os esplendores de Elísio. Também Musides não falhou em enterrar próxima à cabeça de Kalos alguns galhos das oliveiras do bosque.

Conforme os primeiros arroubos de pesar de Musides foram dando lugar à resignação, ele avançou diligentemente em sua figura de Tyche. Toda a honra era sua agora, uma vez que o Tirano de Siracusa não teria interesse na obra de nenhum outro artista exceto ele ou Kalos. Sua tarefa se revelou um alívio para as suas dores e ele trabalhou duro continuamente, cada dia mais, esquivando-se das algazarras que antes apreciava. Enquanto isso passava as noites ao lado do túmulo do amigo, onde uma jovem oliveira brotava perto da cabeça do adormecido. Tão veloz era o brotar desta árvore, e tão estranha era sua forma, que todos os que a viam exclamavam surpresos; e Musides parecia, ao mesmo tempo, fascinado e avesso.

Três anos depois da morte de Kalos, Musides despachou um mensageiro ao Tirano, e comentou-se na ágora de Tegea que a magnífica estátua estava terminada. Por esta época a árvore junto ao túmulo tinha atingido proporções surpreendentes, excedendo todas as outras árvores de seu tipo, e dirigindo um galho extraordinariamente pesado sobre o apartamento no qual Musides trabalhava. Tantos eram os visitantes que vinham para ver a prodigiosa árvore, quanto os que vinham admirar a arte do escultor, de forma que Musides raramente ficava só. Mas ele não ligava para a multidão de hóspedes; na verdade, ele parecia ter receio de ficar só agora que o trabalho absorvedor estava concluído. O vento árido da montanha, suspirando através do bosque de oliveiras e da árvore-túmulo, tinha um modo sinistro de formar sons vagamente articulados.

O céu estava escuro na noite em que os emissários do Tirano chegaram a Tegea. Definitivamente sabia-se que eles haviam vindo para carregar a grande imagem de Tyche e trazer honra eterna a Musides, então a recepção que eles tiveram do próxeno<sup>12</sup> foi de grande entusiasmo. À medida que a noite convertia-se gradativamente em uma violenta ventania que cairia sobre o espinhaço de Ménalo, os homens da distante Siracusa se rejubilaram por poderem descansar sãos e salvos na cidade. Eles falaram de seu ilustre Tirano, e do esplendor de sua capital, e exultaram de glórias a estátua em que Musides havia trabalhado para ele. E então os homens de Tegea correram acerca da bondade de Musides, e de seu pesado fardo da morte do amigo e de como nem mesmo as láureas da arte que estavam por vir poderiam consolá-lo na ausência de Kalos, a quem os lauréis deveriam caber mais propriamente. Da árvore que cresceu junto ao túmulo, próxima à cabeça de Kalos, eles também falaram. O vento guinchou mais horivelmente, e tanto siracusanos quanto arcadianos rezaram para Éolo<sup>13</sup>.

No raiar do dia, o proxenoi conduziu os mensageiros do Tirano ladeira acima até a residência do escultor, mas o vento noturno fizera algumas coisas estranhas. Os gritos dos escravos sobressaíam em uma cena de desolação, e não se erguiam mais, em meio ao bosque de oliveiras, as colunatas daquele vasto corredor em que Musides sonhara e trabalhara. Solitários e abalados restavam humildes pátios e as mais fracas paredes, pois sobre o suntuoso magnífico peri-estilo desabara o pesado e vacilante galho da estranha nova árvore, reduzindo o majestoso poema em mármore de perfeição ímpar a um punhado de horrendas ruínas. Estrangeiros e tegeanos ficaram espantados, olhando dos destroços para a grande, sinistra árvore cujo aspecto era tão misteriosamente humano e cujas raízes se estenderam tão estranhamente ao esculpido sepulcro de Kalos. E o medo

---

<sup>12</sup> No original, “proxenoi”. Próxeno (do gr. *proxenos*) era o título concedido ao incumbido de cuidar dos estrangeiros e das visitas importantes. É também, em outra acepção, o título concedido por um Estado grego a outros Estados, gregos ou estrangeiros, em reconhecimento de serviços prestados. [N.T.]

<sup>13</sup> Éolo ou *Aíolus*, o Deus grego do vento. [N.T.]

e a consternação aumentaram quando eles procuraram o apartamento desmoronado, pois do gentil Musides, e da sua maravilhosamente modelada imagem de Tyche, nenhuma pista pôde ser descoberta. Em meio a tão estupenda ruína só o caos é capaz de habitar, e os representantes de ambas as cidades abandonaram o local desapontados; siracusanos porque não tinham nenhuma estátua para levar para casa, tegeanos porque não tinham nenhum artista a coroar. No entanto, os siracusanos obtiveram mais tarde uma esplêndida estátua em Atenas, e os tegeanos se consolaram erguendo na ágora um templo de mármore em comemoração aos dons, às virtudes, e à devoção fraterna de Musides.

Mas o bosque de oliveiras ainda está lá, como também a árvore que cresce sobre o túmulo de Kalos, e o velho apicultor me contou que de quando em quando os galhos sussurram um para o outro com o vento noturno, dizendo repetidas vezes uma após a outra. "Oida<sup>14</sup>! Oida! - Eu sei! Eu sei!"

*Este texto foi convertido em PDF por Agha Yasir [www.ech-pi-el.com](http://www.ech-pi-el.com) e traduzido para o português por KA-AK-KIM [www.contoaberto.org](http://www.contoaberto.org)*

---

<sup>14</sup> A tradução do autor é literal. Do grego *Oida*, “eu sei”, “eu conheço”. [N.T.]